

Questão 11

11.

Texto 1

Somente mais tarde, aprendendo com a prática, principalmente depois da introdução dos primeiros escravos africanos, que já na sua pátria se tinham ocupado com lavagem do ouro, e de cuja experiência o natural espírito inventivo e esclarecido dos portugueses e brasileiros logo tirou proveito, foi que os mineiros aperfeiçoaram esses processos de extração. Deve-se principalmente aos negros a adoção das bateias de madeira, redondas e de pouco fundo, de dois a três palmos de diâmetro, que permitem a separação rápida do ouro da terra, quando o cascalho é bastante rico. A eles se devem, também, as chamadas canoas, nas quais se estende um couro peludo de boi, ou uma flanela, cuja função é reter o ouro, que se apura depois em bateias.

(ESCHWEGE, W. L. *Pluto Brasiliensis*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, p. 167-168, v. 1, 1979 [1833]).

Texto 2



Bateia. Museu do Ouro, Sabará, MG.

Tendo em vista seus conhecimentos gerais e com base no relato de Eschwege, geólogo e metalurgista alemão que esteve no Brasil entre 1809 e 1821, responda às questões a seguir.

- a) De que modo a presença da bateia em Minas Gerais, na época da mineração, está relacionada à circulação de saberes da África para o Brasil? Usando o conceito de diáspora, explique o valor histórico das técnicas citadas por Eschwege.
- b) Tendo como contexto o período colonial, analise uma diferença entre a escravidão nas áreas urbanas da mineração e a escravidão nas áreas monocultoras de açúcar das capitânicas do Nordeste. Explique como os povos escravizados utilizaram a seu favor as técnicas e saberes aprendidos com tradições culturais africanas.

RESOLUÇÃO

a) Como evidenciado no texto base da questão, os africanos traficados na condição de escravizados para o Brasil torxeram consigo um conjunto de técnicas e instrumentos pertencentes a seus saberes tradicionais que foram apropriados pelo colonizador português na extração das riquezas naturais da colônia. O uso da bateia de madeira e das canoas na mineração aurífera comprova essa contribuição africana para essa prática econômica colonial. O termo diáspora africana é empregado para caracterizar o processo de dispersão de populações daquele continente para os demais, com destaque para as Américas. Essa migração forçada carregou consigo saberes ancestrais, costumes e técnicas que ajudariam a forjar a cultura das diferentes colônias e comprova a intensa integração de saberes africanos áqueles originários de europeus e indígenas. Tais evidências históricas desconstrõem uma visão tradicionalmente difundida que recusava a influência qualificada dos africanos escravizados, retratados unicamente como mão-de-obra braçal.

b) Nos centros urbanos da região das Minas Gerais, os escravos eram destinados tanto aos centros mineradores, nos quais as condições de trabalho eram desumanas e conduziam muitas vezes à morte prematura, quanto a funções urbanas, nas quais predominavam melhores condições de existência. Os escravos urbanos gozavam de melhores condições de convivência com seus proprietários e demais habitantes, ocupando funções como escravo doméstico e escravo de ganho. Aqueles selecionados para o trabalho nas residências de seus proprietários recebiam vestimentas de melhor qualidade, tendo estas repostas com maior regularidade, dado que serviam a família e os convidados do proprietário. Ao mesmo tempo, executavam serviços em geral mais leves que aqueles associados ao trabalho rural, podendo por vezes construir uma relação de maior intimidade com a família do proprietário. Isso permitia que gozassem de melhor

saúde e recebessem menos castigos, prolongando assim sua expectativa de vida. Os escravos de ganho, por sua vez, eram cedidos a outros proprietários em troca de um aluguel ou destinados a ocupações que lhes permitiam acumular pecúlio, ou seja, ficavam com parte do ganho por eles produzido através de suas atividades. Isso dava-lhes uma perspectiva de obter a liberdade por meios próprios, algo impossível para um escravo de lavoura. O escravo de lavoura, por seu turno, tinha menor expectativa de vida devido ao trabalho pesado nas plantações de cana, à exposição constante às intempéries climáticas e aos castigos físicos recorrentes por parte dos feitores. Ao mesmo tempo, viviam sob a ameaça de venda a outros proprietários, em especial no período de crise na monocultura canavieira, situação que provocava a ruptura familiar. O conhecimento dos africanos escravizados em ocupações essenciais para os interesses econômicos dos colonos serviram como instrumento para que pudessem negociar melhores condições de trabalho e alguns privilégios, tais como a brecha camponesa, que lhes outorgava um pequeno pedaço de terra para seu plantio de subsistência.